

A EXPERIÊNCIA DA AMÉRICA E O DECLÍNIO DO SABER GEOGRÁFICO MEDIEVAL*

Fabrizio Pedroso BAUAB¹

RESUMO: As informações geográficas na Idade Média pouco provinham da experiência. Havia uma forte tendência à intertextualidade na construção de informações acerca do mundo. Autores importantes como Isidoro de Sevilha e Jean de Mandeville, demonstraram um conhecimento geográfico construído mediante referências textuais. Além disso, destaca-se o caráter alegórico e simbólico resultante da ênfase religiosa em todas as esferas do saber. Contudo, a descoberta da América veio a trazer uma necessária revisão em várias das tradições e européias. No âmbito geográfico, o que fora escrito não mais explicava os novos conteúdos empíricos. Neste aspecto, os primeiros escritos sobre o “novo continente” revelam uma dificuldade em se desvincular dos erros da tradição textual – como apontam os diários de Colombo – e, também, uma rica e conflituosa construção de novos referenciais de interpretação – como aparece na obra do padre espanhol José de Acosta.

Palavras-chave: Idade Média; América; Geografia.

RESUMEN: En la Edad Media las informaciones geográficas poco venían de la experiencia. Había una fuerte tendencia a la intertextualidad en la construcción de las informaciones a respecto del mundo. Autores importantes como Isidoro de Sevilla y Jean de Mandeville han demostrado un conocimiento geográfico construido a partir de referencias textuales. Además de eso, se puede destacar el carácter alegórico y simbólico resultante de la énfasis religiosa en todas las esferas del saber. Sin embargo, la descubierta de América ha traído una revisión necesaria en varias de las tradiciones europeas. En el ámbito geográfico, lo que había sido escrito no explicaba más los nuevos contenidos empíricos. En este aspecto, los primeros escritos sobre el “nuevo continente” revelan una dificultad en se desvincular de los fallos de la tradición textual – como apuntan los diarios de Colombo – y, también, una construcción de referencias de interpretación rica y llena de conflictos- como se puede ver en la obra del padre español José de Acosta.

Palabras llave: Edad Media; América; Geografía.

ABSTRACT: The geographical information in the Middle Ages did not come necessarily from the experience. There was a strong tendency to intertextuality in the construction of information about the world. Authors important as Isidore of Seville and Jean de Mandeville, showed a geographical knowledge constructed by textual references. In addition, we highlight the symbolic and allegorical character resulting from the religious emphasis in all spheres of knowledge. However, the discovery of America came to bring a necessary reform in various traditions and Europe. In geographic scope, which was written no longer explain the new empirical content. Here, the first writings on the “new continen” show a difficulty in disengagement of the errors of the textual tradition - as indicated by the diaries of Columbus - and also a rich and contentious construction of new frameworks of interpretation - as it appears in the work the Spanish priest José de Acosta.

Key-words: Middle Ages; America; Geography.

1 - Introdução

O apoio da constatação empírica na construção de informação tipicamente geográfica não é, como muitos podem pensar, condição inequívoca para a construção da história desse saber. Se as imagens de mundo legadas pela Antigüidade foram, num certo sentido, produzidas a partir de um certo apreço pela experiência – elemento este que seria fundamental à modernidade -, as da cultura medieval se desprenderam

* Artigo resultante do amadurecimento de algumas idéias oriundas de nossa tese de doutorado, intitulada *Da geografia medieval as origens da geografia moderna: Contrastes entre diferentes noções de natureza, espaço e tempo*, defendida no ano de 2005 junto ao Programa de Pós-Graduação em Geografia/Faculdade de Ciências e Tecnologia/UNESP/Presidente Prudente.

¹ Professor do curso de Geografia da UNIOESTE, Campus de Francisco Beltrão. Membro do Grupo de Estudos em História e Epistemologia da Geografia. E-mail: fabriciobauab@yahoo.com.br

de uma tendência à interpretação textual do mundo, amparada na reprodução de informações que não encontravam, na maioria das vezes, o contrapeso da evidência empírica.

A introdução, entretanto, do *Novo Mundo* na cultura europeia veio a redimensionar os *a priori* que se incrustavam na razão e no pio coração dos homens que se lançaram à difícil tarefa de explicar o mundo numa sociedade que vivia social e economicamente apartada de grande parte dele. No choque do que se acreditava existir através da leitura das autoridades com aquilo que foi sendo encontrado, gerou-se, no nosso ver, a matéria de que é feito o conhecimento geográfico em sua expressão moderna.

Desta feita, o presente artigo tem a finalidade de analisar a importância da *experiência* da América para o redimensionamento do pensamento geográfico europeu medieval e, também, renascentista. Buscando, assim, atingir esse objetivo – que é dos mais árduos e que não é de forma alguma esgotado no presente texto -, convidamos o leitor a fazer, conosco, o seguinte percurso. Primeiramente, teceremos algumas breves considerações acerca do que teria legado a Idade Média acerca do conhecimento geográfico, destacando seu aspecto simbólico e textual/dogmático; depois, discutiremos o diálogo desenvolvido entre as concepções cosmográficas e geográficas de Cristóvão Colombo e a sua experiência nas novas paragens; por fim, avançaremos até a segunda metade do século XVI e, ainda que preliminarmente, faremos uma exposição do impacto da experiência da América sobre as convicções cosmográficas e geográficas de José de Acosta, um importante cronista das Índias que, em seu esforço de sistematização de informações colhidas na América, fez-se influente em figuras importantes da Geografia em suas feições moderna e científica, como Varenius (1621/22-1650) e Alexander von Humboldt (1769-1859).

Cabe mencionar que, não sem certa arbitrariedade, tomamos como referência dois autores que escreveram sobre a América em momentos históricos distintos, imbuídos por objetivos díspares e tendo uma formação intelectual radicalmente diferente. Sendo assim, cabe ressaltar que aparecem, Colombo e Acosta em nosso texto, como objetos de pesquisa que são aproximados e comparados num certo esforço arbitrário por extrair deles as informações que achamos necessárias para a demonstração de que os discursos criados sobre a América são de fundamental importância na gênese de um conhecimento geográfico de feições modernas. Alertamos, assim, para a necessidade de ponderação com relação às comparações que tecemos entre ambos em nosso texto.

2 - Simbolismo e intertextualidade na Geografia da Idade Média

Primeiramente, há de se reconhecer que a Geografia não estava no centro das preocupações medievais. Uma das personalidades mais significativas do período, Santo Agostinho, estabeleceu que a via para o conhecimento superior, do tipo transcendente, do que re-liga o fugaz ao atemporal divino, encontra-se no foro íntimo do homem. Assim, nas páginas do seu *De Magistro*:

Quando, pois, se trata das coisas que percebemos pela mente, isto é, através do intelecto e da razão, estamos falando ainda em coisas que vemos presentes naquela luz interior da verdade, pela qual é iluminado e de que frui o homem interior (1956, p.11).

À maneira platônica, Santo Agostinho atribuiu os efeitos visíveis a causas transcendentes cujas origens só podem ser encontradas mediante um tipo de iluminação que se passa na interioridade humana sem a necessidade de estímulo do empírico. O homem está no espaço, mas Deus é, também, aespacial: *Vós criastes o homem à vossa imagem e contudo ele, desde a cabeça aos pés, está contido no espaço* (SANTO AGOSTINHO, 1999, p. 149).

O mundo era, na ótica de um pensamento oficial envolto pela mística cristã, um significante de um significado que o transcende e que, em última instância, deve ser buscado em detrimento do conhecimento meramente sensorio. Neste cenário, como destaca Boorstin (1989), a Geografia nem chegou a possuir um lugar no catálogo medieval das sete artes liberais: o *quadrivium* era formado pelas disciplinas matemáticas - aritmética, música, geometria e astronomia -, e o *trivium*, formado pelas disciplinas lógicas e lingüísticas - gramática, dialética e retórica.

Distante de realizar as viagens da Antigüidade, incomparáveis às modernas, como diria F. Bacon, mas ainda sim fundamentais para o conhecimento do mundo, o erudito medieval dispunha de bem poucos instrumentos para tatear a natureza: *livros, uma escrivantina, uma lamparina com sebo e um castiçal, uma lanterna, um funil com tinta, uma pluma, um fio de prumo e uma régua, uma meia e uma palmatória, um*

quadro negro, uma pedra-pomes com raspador de giz (LE GOFF, 1995 p.72). E isso bastava. Como poderemos perceber, será o texto, a palavra escrita, o principal veículo de “medida da estatura do mundo” na Idade Média.

Sobre as personagens que construíram obras que direta ou indiretamente se remetem à informação geográfica, algumas merecem destaque pela imensa influência que exerceram.

Assim, no princípio da Idade Média, poderíamos mencionar a célebre figura de Lactâncio e sua já famosa rejeição da existência dos antípodas. Mais do que a argumentação física acerca do verdadeiro formato da Terra, o que incomodava o eminente padre era a possibilidade da existência de pessoas e outros seres vivos não derivados de Adão ou da Arca de Noé. De acordo com Boorstin (1989), para Lactâncio

Os que viviam da parte de baixo dessa zona tórrida não poderiam ser, claro, da raça de Adão, nem contar-se entre os redimidos pela morte de Cristo. Se uma pessoa acreditava que a Arca de Noé fora parar no monte Ararat ou no norte do equador, então não havia nenhuma maneira de criaturas vivas terem chegado a um antípoda (p. 109).

Em suma, a grafia do mundo não poderia, em hipótese alguma, diferir do conteúdo descrito no Livro Sagrado. A conclusão de Lactâncio e de outros célebres personagens do começo da Idade Média, como Santo Agostinho, Isidoro de Sevilha e São Bonifácio, foi a da inexistência da extravagância antípoda, pois, como disse São Paulo na Epístola aos Romanos, as palavras de Deus percorreram os confins de todo o mundo e, concluiria Lactâncio², não encontraram nada tão disforme e contrário à razão como a defesa da redondeza da Terra. Séculos mais tarde, o padre espanhol José de Acosta se depararia com as mesmas dificuldades teológicas para explicar a origem dos povos da América.

Cosmas Indicopleustes usará semelhante argumento para negar a existência dos antípodas, pois para ele, de acordo com Kimble (2000), os apóstolos percorreram o mundo pregando os Evangelhos e nunca fizeram menção a pessoas vivendo na parte de baixo de um mundo esférico.

De origem egípcia, Cosmas Indicopleustes, de acordo com Acosta (1993), teria sido um dos primeiros autores cristãos a deixar o testemunho de sua presença em lugares remotos como a Índia e o Ceilão. Isso se deve ao fato de ter feito tal viagem em sua época de mercador, antes do avanço do islamismo e do isolamento europeu. Viajante real, que percorreu parte do mundo grego e oriental em sua juventude – antes de se converter ao cristianismo em 548, quando tornou-se monge nas imediações do Monte Sinai – tem seu nome provavelmente derivado de sua autoridade em Geografia (“Cosmas”) e de seu conhecimento acerca do Oceano Índico (“Indicopleustes” significa *viajante indiano*), além de Mar Vermelho (BOORSTIN, 1989).

Sua obra *Topographia Christiana*, disposta em 13 livros, tem, como ressalta Acosta (1993), o claro objetivo de expor suas teorias sobre o universo e rebater concepções adversárias, como o já mencionado caso dos antípodas.

Indicopleustes é, em relação à Idade Média, um claro exemplo da amálgama entre dogma e especulação que se tornou o conhecimento sobre os aspectos físicos da Terra. Rejeitando o saber pagão, como destaca Kimble (2000), o autor do século VI d.C., abstendo-se dos êxitos ptolemaicos de poucos séculos atrás e dos argumentos de Aristóteles e de Plínio em prol da esfericidade da Terra, apresentou um esquema cosmográfico dos mais criativos, baseado no texto bíblico. Boorstin (1989) ressalta que, inspirado na Epístola dos Hebreus, no momento em que Paulo declara que o primeiro tabernáculo de Moisés era o modelo do mundo inteiro, Indicopleustes propôs o seguinte esquema: a Terra inteira seria uma imensa caixa retangular, semelhante a uma arca com tampa arqueada, sobre a qual Deus se debruçaria observando a Criação.

No norte havia uma grande montanha, à volta da qual o Sol se movia e cujas obstruções à luz solar explicavam as durações variáveis dos dias e das estações.

² O eminente astrônomo polonês Nicolau Copérnico (1473-1543), figura central no aparecimento da Ciência Moderna, não pôde deixar Lactâncio ileso em sua exposição acerca da constituição do universo. Assim, nas páginas de sua monumental *De revolutionibus orbium coelestium* (A Revolução dos orbes celestes), escreveu: *De fato, não é desconhecido que Lactâncio, célebre escritor, aliás um fraco matemático, fala da forma da Terra de uma maneira perfeitamente infantil quando zomba dos que proclamam que a Terra tem a forma de um globo* (1984, p.10).

As terras do Mundo eram, evidentemente, simétricas: no Oriente, os Indianos; no Sul, os Etíopes; no Ocidente, os Celtas, no Norte, os Citas. E do paraíso fluíam os quatro grandes rios: o Indo ou Ganges, para a Índia; o Nilo, através da Etiópia, para o Egito, e o Tigre e o Eufrates que banhavam a Mesopotâmia. Havia, claro apenas uma face da Terra – aquela que Deus dava a nós, os descendentes de Adão –, o que tornava qualquer sugestão da existência dos antípodas, além de absurda, herética (BOORSTIN, 1989, p.110).

Acosta (1993) acrescenta que o piso da *arca judia da aliança*, que formaria o esquema de Cosmas Indicopleustes, seria a Terra plana e o teto curvo, formado pela subida de paredes verticais, conteria duas partes. A primeira, relativa ao céu que vemos. A segunda, por sua vez, seria o *empíreo*, local de moradia de Deus ao lado dos santos e dos justos.

Cabe mencionar, entretanto, a inconsistência que existe por detrás da tentativa de caricaturar a Idade Média como um período que se utilizou, consensualmente, de uma imagem plana de mundo. Simek (2005) ressalta que, mais do que negar o formato esférico do mundo, autores como Cosmas Indicopleustes, Lactâncio, Santo Agostinho e São Bonifácio (675-764) estavam definitivamente preocupados com as implicações teológicas que a existência dos antípodas geraria, como já mencionamos antes no texto. Lactâncio, em verdade, nas suas *Instituições Divinas*, não teria proposto formato alternativo para o mundo, preocupando-se apenas em negar a existência da “deformidade” antípoda”.

Simek (2005) ressalta também que algumas personagens importantes do início da Idade Média, como Macróbio e Marciano Capela, que viveram no século IV, defenderam abertamente a esfericidade da Terra. Isidoro de Sevilha, talvez uma das figuras mais celebradas da época no que tange ao conhecimento geográfico, teria, em meio à ortodoxia de sua *Etymologiae*, se deparado com a possibilidade de um planeta esférico ao retomar a teoria das cinco zonas (*climatas*), de Parmênides. Portanto, é no mínimo temerosa a afirmação de que teria predominado, ao longo do período medieval, a convicção irrestrita em uma Terra plana. Simek (2005) chega a afirmar que, ao longo dos séculos XI e XII, existiam bem poucas dúvidas acerca da forma da Terra.

Contudo, mesmo evitando transferir apressadamente para o período valores e convicções que não lhe pertenceram absolutamente, não podemos deixar de reconhecer uma máxima que se fez indiscutível entre seus intelectuais: a produção de saber tendo como referência o que fora escrito, a sobreposição ao mundo de textos escritos por autoridades inquestionáveis. Acrescentaríamos a este aspecto o livre uso de referências e a manipulação da palavra escrita de acordo com os interesses do autor que acolhia informações sobre o mundo. Neste aspecto, gostaríamos de mencionar dois casos: o do já mencionado Isidoro de Sevilha e o de Jean de Mandeville. Em comum, ambos tiveram como característica o fato de escreverem sobre o mundo vendo-o através dos olhos de muitos autores.

Kimble (2000) ressalta que o citado Isidoro de Sevilha, em sua *Etimologiae* ou *Origens*, composta por vinte volumes, destinou dois à discussão de aspectos geográficos: o décimo terceiro e o décimo quarto. Mantendo-se como referência importante em assuntos geográficos até o século XIV e XV, sendo inclusive citado por Cristóvão Colombo em seus diários de viagem, Isidoro não teve problema algum para, em nossa visão moderna, plagiar a *Collectanea rerum memorabilium* (publicada entre 230 e 240), de Solinus. Assim, descreveu os habitantes da Etiópia com as mesmas palavras que o autor da *Collectanea* usou em sua descrição dos indianos. Neste caso temos, além do problema da cópia e da deturpação, a questão da veracidade do texto do próprio Solinus, que tinha Santo Agostinho nas fileiras de seus leitores.

Boorstin (1989) chama a atenção para o fato de que o apreço por Solinus constituiria uma forma de substituição do realismo de alguns antigos por uma tendência à mitificação e devaneio em relação ao mundo. Além disso, Solinus teria “plagiado” a *História Natural* de Plínio ao longo de quase todo o seu texto, constituindo-se no protótipo do sábio medieval que se propõe a narrar as coisas do mundo mesmo tendo pouquíssima mobilidade nele.

Afora a rede de informações geográficas criadas através da simples reprodução de fatos sobre o mundo, Solinus também alimentou a tendência medieval à predileção pelo maravilhoso, o que escancara sua visão até certo ponto simbólica de mundo. Na costa etíope, existiam pessoas de quatro olhos. Na Alemanha, havia uma criatura com o lábio superior tão grande que só conseguia se alimentar andando para trás (BOORSTIN, 1989).

Jean de Mandeville, autor que viveu no século XIV e que era muito referenciado por navegantes do século XV e até do XVI, manteve essa tendência de narrar o fabuloso, tão presente também no início da Idade Média. Assim como Isidoro de Sevilha e Solinus, Jean de Mandeville deu-se a copiar e refundir diálogos de outros viajantes, trabalhando com informações de enciclopédias e tratados de História e Geografia. Acosta (1993) ressalta que o seu *Tratado das coisas mais maravilhosas e notáveis que existem no mundo* constitui-se numa espécie de síntese de tratados anteriores do mesmo tipo, destacando-se pela elegante narrativa e pelo tom aventureiro que surge de sua narração desenvolvida em primeira pessoa.

O plágio também aparece ao longo do *Tratado*, sendo tecido, como ressalta Acosta (1993), de forma a não agredir ao leitor, tomando o que fora escrito antes dele como conteúdo de uma pretensa experiência pessoal. Acosta chega a ressaltar que um dos trechos mais pitorescos do *Tratado*, a travessia do Vale Perigoso, foi todo copiado de um relato escrito pelo padre franciscano Odorico. Tratando em uma parte da Palestina e em outra, mais extensa, do Oriente propriamente dito, abundam, no livro de Mandeville, referências a ciclopes, acéfalos com olhos nos ombros, indivíduos com lábios superiores gigantescos (aqui, a referência a Solinus é explícita), pessoas com dois sexos, além da famosa parte em que narra como a filha de Hipócrates fora transformada em dragão. Teria, Jean de Mandeville, se deparado com essas maravilhas em suas viagens pela Turquia, Armênia, Pérsia, Síria, Arábia, Egito, Líbia, Caldeia, Etiópia, Índia e, também, pelo famoso e pródigo reino de Preste João³. Contudo, hoje se sabe que a fonte de Mandeville não foram viagens propriamente ditas, mas livros e mais livros que pretendiam encerrar em si a estatura e conteúdos do mundo.

Pela popularidade obtida pelo livro de Jean de Mandeville, é de se presumir a importância do elemento maravilhoso para a cultura medieval. O disforme e o estranho eram, neste cenário, atribuídos ao desconhecido, ao espaço não consagrado, onde a ausência de experiência e de pertencimento ao cotidiano oferecia amplo espaço para a crença em mitos antigos que, assim, mantinham sua existência em áreas inóspitas. Le Goff (1990) ressalta que *mirabilis*, palavra usada na Idade Média para maravilhoso, detinha em sua raiz um sentido de visibilidade (*miror, mirari*), relacionando-se não exclusivamente à observação crítica no sentido moderno, mas com a crédula imaginação estimulada por aquilo que fora lido e ouvido repetidas vezes.

Retornando ao temário propriamente geográfico, podemos concluir, como faz Kimble (2000), que a Geografia do século XV, quando Colombo transpôs o Mar Oceano, não era muito diferente, em termos de acúmulo de informações, daquela dos primeiros séculos da Idade Média. Por mais que Ptolomeu houvesse sido resgatado e restaurado em sua importância, a autoridade do que escrevera Isidoro de Sevilha e a credulidade em Jean de Mandeville permaneciam, até certo ponto, inquestionáveis. Um relato como o de São Brandão e de sua passagem rápida pelo Paraíso continuava ainda importante. Haveria ainda quem relacionasse, como fizera Maur entre os séculos VIII e IX, a existência de três continentes com a Santíssima Trindade, ou mesmo com os três filhos de Noé, Sem, Cam e Jafé, como foi crença comum na Idade Média.

Tendo como herança cultural esta tendência de sobreposição do texto ao mundo e, no âmbito sócio-econômico, uma Europa devastada por guerras, doenças e todo o tipo de carências, Cristóvão Colombo terá, como não poderia deixar de ser, imensa dificuldade em legitimar a autenticidade empírica da América. E é sobre isso que trataremos a seguir.

3 - A América como intertextualidade: a exegese de Colombo

3.1 - O fim do mundo está próximo e as águas da aflição cobrirão toda a cristandade

A Europa do século XV era um solo devastado pelas mais diversas enfermidades. Pelo menos é o que nos revela Sale (1992), autor de um monumental estudo sobre Colombo. Em um dos capítulos de sua “A conquista do Paraíso”, ele expõe um quadro absolutamente nefasto das condições de vida e expectativas de

³ As histórias do rei sacerdote Preste João chegaram à Cristandade no século XII. Boorstin (1993) destaca que por volta de 1165 apareceu na Europa ocidental o texto literal de uma carta do referido rei ao imperador bizantino de Roma, Emanuel I. Segundo o documento – forjado, obviamente – o seu reino asiático possuía reis cristãos, “poderosos e bons”, dispostos à reconquista do Santo Sepulcro. Quando chegou a era dos descobrimentos, tal reino foi buscado por portugueses e até pelos russos, já em pleno século XVIII, quando sua localização já havia sido “transferida” para a África.

futuro existentes em parte do velho mundo. Para brevemente ilustrar esse cenário, gostaríamos de reproduzir as palavras de Joseph Grünpeck, historiador oficial de Frederico III, imperador Habsburgo na época:

Quando se percebe a triste corrupção de toda a cristandade, de todos os costumes dignos, regras e leis, a miserabilidade de todas as classes, as muitas pestilências, as mudanças que ocorreram nesta época e todos os estranhos acontecimentos, sabemos que *o fim do mundo está próximo e as águas da aflição cobrirão toda a cristandade* (apud SALE, 1992, p. 32).

A violência, a doença e a fome formaram, naquele contexto, o estímulo para um relato tão pessimista. Sale (1992) destaca a Inquisição e os próprios Estados Nacionais, com suas batalhas e assédios, como os principais propagadores de uma violência institucionalizada, tornada oficial.

O quadro de doenças enegrecia o horizonte de visão da maioria das pessoas, o que estimulou, ainda mais, toda uma cultura da morte, manifestada nas artes por talentos como Albrecht Dürer e sua *Dança da Morte*. A peste negra, que havia diminuído em meados do século XV, voltou, ao longo de mais três séculos, a aparecer em cidades como Perúgia, Hamburgo, Nuremberg e Colônia. A Catalunha, ressalta Sale, foi atacada seis vezes pela doença no século da empresa colombiana. Sua população, que em 1365 era de cerca de 430 mil habitantes, reduziu-se, em 1497, para 278 mil. À peste negra, somavam-se doenças dos mais diversos tipos: lepra, escorbuto, varíola, sarampo, tuberculose, entre outras de tratamento não menos desconhecido.

A fome também era um problema crônico. Sale (1992) destaca a irregularidade e escassez dos rendimentos do campo como maiores causadores do flagelo. Assim, a título de exemplo, uma região pobre como a da Andaluzia sofreu com esta irregularidade e escassez de cereais em vários períodos do século XV: 1400-02;1412-14;1421;1423-26;1434-38;1442-43; 1447-49; 1454; 1458-59;1461-62; 1465-73. Nesse cenário de carestia, comumente era repetido um velho provérbio espanhol: *se voa sobre Castela, a cotovia deve levar seus próprios grãos de cevada*.

Não faltaram, neste contexto degradado, explosões de milenarismos, apologias ao fim dos tempos. Em verdade, um dos principais autores de “teses milenaristas” vivera já nos idos séculos XII e XIII.: Joaquim de Fiori (1130-1202) Fiori viu, nas similaridades entre os perfis de Jesus Cristo e São Francisco de Assis, um indício de que o fim estava próximo. São Francisco de Assis seria, para ele, de acordo com Chauí (1998), o ápice da *Plenitude Intellectus*, símbolo de um povo já adulto, livre e espiritualizado que clamaria pela eternidade, pondo fim à mundaneidade do tempo. Contudo, nos tempos de Colombo, as condições históricas e materiais sugeriam, claramente, a decadência de uma sociedade que não mais encontrava em si mesma as condições de superação para os seus problemas mais crônicos, como alguns que mencionamos aqui. O final dos tempos não era, assim, prenunciado pelo otimismo de Fiori.

Santo Agostinho já havia preconizado uma cronologia que conduzia à sugestão de um final eminente. Para o teólogo, inspirado na Bíblia, o final viria no transcorrer de sete mil anos. Colombo, conhecedor desta *cronologia cristã*, fez as contas para o término do tempo em 1501: do Gêneses até Cristo passaram-se 5343 anos. De Cristo até aquele momento, contabilizam-se, obviamente, 1501 anos. Restariam, nas contas do navegador, 156 anos. O fim era, assim, próximo. Pierre d’Ailly (1350-1420), famoso cardeal, que sugeriu a Colombo um cálculo otimista acerca da circunferência da Terra – 105 graus, distante dos 180 graus de Ptolomeu, que tornavam a viagem para o Oriente rumo Ocidente muito mais distante – também era adepto desta tendência milenarista, influenciando o navegador genovês. Contudo, Colombo também aderiu ao cenário apocalíptico repassando os olhos no profético livro de Isaías, onde leu sobre o final do mundo e sobre a necessária conversão dos pagãos:

(...) a verdade é que tudo passa, menos a Palavra de Deus, e se cumprirá exatamente o que disse; e Ele falou tão claro pela boca de Isaías em tantos trechos das Escrituras, afirmando que da Espanha lhes seria elevado o seu santo nome. E parti em nome da Santíssima Trindade, e voltei com a maior rapidez, trazendo em mãos a prova de tudo o que tinha afirmado. (...) descobri, por mérito divino, 333 léguas de terra firme, nos confins do Oriente, e setecentas ilhas com nome, e conquistei a ilha Espanhola, cujo território é mais extenso que a Espanha, onde os habitantes são inúmeros e todos pagarão tributo (p.134).

A epopéia colombiana transformou-se, sob o prisma da conversão religiosa, numa teodicéia, viagem de confirmação não só dos conteúdos espaciais do mundo, revelados por certas autoridades, mas também de algo que já fora previsto pelas palavras dos profetas. Assim, como afirma Giucci (1991), Colombo interpretou o curso do tempo de maneira messiânica, explicitando uma forte influência das tendências milenaristas que se disseminavam sobre um velho mundo decrépito. A mensagem trans-histórica da Bíblia, de Isaías, era a da própria conversão da história mundana aos *a priori* da revelação imutável:

O cristianismo se esforça para salvar a história; primeiro porque ele dá um valor ao tempo histórico e, em seguida porque, para o cristão, o acontecimento histórico, mesmo permanecendo o que é, torna-se capaz de transmitir uma mensagem trans-histórica: todo o problema consiste em decifrar essa mensagem (ELIADE, 1994 p.171).

Contudo, as repercussões da empresa colombiana não confirmaram o caráter trans-histórico das profecias. A decifração das mensagens de Isaías, feita por pelo navegador genovês, mostrou-se mais do que equivocada. Os desdobramentos de sua viagem significaram, em verdade, a oportunidade de reinvenção dos modos de vida europeu, de toda uma cultura que, em sua época, era inapta para a compreensão da magnitude do mundo. Aos poucos, a América veio a tornar-se, em parte, meio de reversão de uma decrepitude aparentemente irreversível. Seus habitantes, esses sim viram seu antes horizonte colorido turvar com o início de seu fim:

Iniciava-se assim o que pode ser com justiça considerada a jornada mais importante na história da espécie humana; a jornada que deu partida ao longo processo através do qual uma cultura veio a dominar, como nunca antes, todas as demais culturas do mundo, para implantar os idiomas em suas bocas, as roupas em suas costas, os valores em seus corações e acumular para si mesma o poder que hoje lhe permite determinar nada menos do que o destino do mundo (SALE, 1992, p.30).

Aos poucos, a América deixaria de ser lida como texto para figurar como repositório de possibilidades, enquanto fonte adormecida de esplendores maiores do que os do dourado Oriente narrado por Marco Pólo. Antes, contudo, foi lida por Colombo, para somente depois ter sua empiricidade escancarada para a reinvenção dos modos de saber europeus, incluindo os relativos à Geografia.

3.2 - Sobre as fontes de Cristóvão Colombo

Existe um certo consenso sobre algumas das principais fontes que alicerçaram as pretensões de Cristóvão Colombo quando este empreendeu a viagem de 1492. Paolo dal Pozzo Toscanelli (1397-1482) foi uma delas, representando, tanto em texto quanto em mapa, as maravilhas narradas por Marco Pólo (1254-1324) acerca do Oriente.

Giucci (1992) ressalta que Marco Pólo teria influenciado Colombo em parte através do filtro da imagem de algumas cartas de Toscanelli. Contudo, o eminente cartógrafo veneziano, autor da famosa epístola de junho de 1474, em Florença, quando selecionou os feitos mais notáveis da viagem de Marco Pólo, teve, diretamente, contato com o almirante genovês através de correspondência pessoal. Assim, em 1481 Toscanelli escreveu a Colombo, respondendo carta que lhe fora endereçada:

Así que cuando se hará el dicho viaje será a reinos poderosos y ciudades y provincias nobilísimas, riquíssimas de todas maneras de cosas en grande abundancia y a nosotros mucho necesarias, así como de todas maneras de especiería en grande suma y de joyas en grandísima abundancia. También se irá a los ganosos, más que nos, de haber trato y lengua con cristianos de esta nuestras partes, porque grande parte de ellos son cristianos, y también por haber lengua y trato com los hombres sabios y de ingenio de acá, ansí que han de estas nuestras partes (TOSCANELLI apud SERNA, 2007, p.30).

Três anos após receber essa carta, Colombo, convencido do possível êxito advindo de se buscar o Oriente velejando para o Ocidente, apresentou sua proposta para o rei João II de Portugal, que a rejeitou.

Voltando às influências de Colombo, há consenso acerca da importância do *Imago Mundi* de Pierre D'Ailly. Como já mencionamos, o cálculo do cardeal a respeito da circunferência da Terra, que era de 105 graus, foi bem mais atrativo para as pretensões de Colombo do que o de Martin de Tyr e seus 225 graus e o de Ptolomeu, com 180 graus. Boorstin [1989] ressalta que, do material de pesquisa pessoal de Colombo que sobreviveu até os dias de hoje, um dos mais intactos é o referido *Imago Mundi*. Nele, entre as várias partes sublinhadas, há a seguinte: *o mar não é tão grande que não possa cobrir 3/4 do globo, como certas pessoas imaginam* (p.218).

Colombo, na *Carta do Almirante aos Reis Católicos*, que narra os acontecimentos da terceira viagem (1498-1500), cita Aristóteles que teria dito ser o mundo pequeno e *de água muito escassa*. Acrescenta que Aristóteles pôde saber muito sobre o mundo por causa de Alexandre Magno. Afirma também que Sêneca foi outro autor da Antiguidade que conheceu bem o mundo em virtude de Nero. Plínio também teria se aproveitado da extensão do Império Romano para conhecer e divulgar o conhecimento relativo ao mundo.

Além desses autores, Isidoro de Sevilha, Ptolomeu, Estrabão e Santo Ambrósio constituem fontes fundamentais para Cristóvão Colombo, figurando, vez ou outra, nas páginas de suas cartas sobre as quatro viagens.

3.3 - Lendo a América

Cristóvão Colombo demonstrou, com seus relatos sobre as quatro⁴ viagens empreendidas, uma evidente dificuldade de compreensão com relação às novidades que o cercavam. Serna (2007), abordando esse aspecto, menciona a necessidade do almirante em adequar o que via ao modelo que possuía. Chauí (1998) sugere a imagem de Colombo como a de um exegeta, alguém que tem como objeto de pensamento não a alteridade do desconhecido, mas o confortável conteúdo daquilo que já se sabe de antemão através de textos.

Segundo a referida autora, para Colombo o chamado Novo Mundo já existiria como texto, bastando, portanto, um procedimento hermenêutico de interpretação de signos não estranhos.

A gritante novidade da América, que redimensionaria formidavelmente a cultura européia dos séculos posteriores ficou, na epopéia colombiana, esfumaçada, emoldurando somente as expectativas que o pio comandante nutria em relação aos conteúdos do Oriente. Seus relatos confirmam expectativas e não chegam, como em José de Acosta, por exemplo, a lançar dúvidas mais profundas sobre o que se sabia existir com relação ao mundo. O empírico não consegue desviar o curso de suas expectativas. Seria, talvez, pedir demais daquele que, se não foi o primeiro a chegar a América, foi, pelo menos, o pioneiro a registrar com a escrita algo sobre ela. E tal registro foi, ressaltamos, quase que uma transcrição do que já se sabia.

Primeiramente, a América já aparece como realidade trans-histórica por ter sua idolatria prevista pelo profeta Isaías. Ela já existia no passado como revelação. Colombo se sentia, portanto, interpretando um presente pré-dito. Curiosamente, logo na primeira viagem, o Almirante diz ver sereias, confirmando vários dos relatos medievais maravilhosos: *Ontem, quando o almirante ia ao Río del Oro, diz que viu três sereias que saltaram bem alto, mas não eram bonitas quanto pintam, e que, de certo modo, tinham cara de homem* (1991, p.87). Ainda no relato da primeira viagem, diz ter ouvido dos índios – hoje se sabe que provavelmente ele não teria aprendido linguagem alguma dos índios – que em Ciabao, os homens nascem com rabo e que Matinino, atual Martinica, é habitada por mulheres que cortejam com os homens somente em épocas específicas, visando reproduzir a prole. Aqui, é importante se notar que a lenda das guerreiras amazonas pertencia ao imaginário sobre o Oriente.

Quando se propõe a sistematizar informações sobre a natureza, classifica as plantas usando critérios de um já longínquo Plínio. Poderia ter feito diferente? Possivelmente não.

Ainda na Primeira Viagem, no dia 17 de novembro, narrando, como sempre o fez, na terceira pessoa do singular, escreve: *achou aqui nozes iguais às da Índia (...) e enormes ratões, também como os da Índia, e caranguejos imensos* (p.62-3). Este tipo de referência à Índia de Marco Pólo é muito abundante em todo o seu legado escrito.

⁴ Cabe mencionar que, com relação à primeira viagem, não restou o texto original escrito por Colombo. O texto a que temos acesso trata-se de uma transcrição feita pelo frei Bartolomeu de Las Casas, já no século XVI.

Dez dias após terem atingido terra firme, Colombo escreve: *agora, porém, já me determinei a ir à terra firme, e também, à cidade de Quisay, para entregar as cartas de Vossas Majestades ao Grande Cã, pedir resposta e regressar com ela* (p.53). Aqui, o detalhe fica por conta de que Quisay é o nome que Marco Pólo deu à cidade de King-See, que figurava na cartografia de Toscanelli.

Na quarta viagem, em meio ao tom melancólico referente a uma empresa que não ofereceu imediatamente os resultados pretendidos, Colombo escreveu, nas imediações da Costa do Mosquito, no Panamá: *Eu que, como disse, por várias vezes me vi às portas da morte, soube ali das minas de ouro da província de Ciamba, que tanto procurava* (p.152-3). A Ciamba referida pelo Almirante é, em verdade, o nome que Marco Pólo deu para a Conchinchina

Voltando à Primeira Viagem, aparecem novos indícios das descrições de Marco Pólo. Num domingo outonal, a caminho de Cuba, Colombo ressalta que avistou, assim como o veneziano, minas de ouro, pérolas e um porto onde deveriam ancorar as naves do Grande Cã. Na seqüência, interpretando a fala dos índios de acordo com o estímulo de suas expectativas, diz ter ouvido falar que o rei de Cuba estaria em guerra com o Grande Cã, que os índios parecem chamar de Cami. Aqui, a referência é explícita à China de Marco Pólo.

Neste cenário, as novas paragens aparecem ao leitor muito mais através do cruzamento de diversas referências textuais que, assim, recriam o real conteúdo empírico do novo continente através de uma intertextualidade que cria o próprio texto de Colombo. Assim,

O Novo Mundo emerge como texto original no qual a inscrição da diferença vai sendo progressivamente ocultada pela superposição de identificações que tendem a satisfazer o horizonte de expectativas do receptor (GIUCCI, 1991, p.115).

Sérgio Buarque de Holanda destaca que a interpretação do genovês com relação ao discurso dos índios é somente expressão dos significados contidos em Marco Pólo (HOLANDA, 1969). Boorstin (1989), por sua vez, afirma que Colombo viu a fauna asiática no litoral cubano. A própria ilha de Cuba era, para o navegador genovês, a província de Mangi, citada por Marco Pólo.

Um dos aspectos, entretanto, que mais explicita a intertextualidade presente no olhar que Colombo lançou à América é aquele que se refere ao tema do Paraíso.

De acordo com Franco Júnior (1992), o Paraíso, ao longo da Idade Média, simbolizava o reencontro com cinco desejos coletivos existentes apenas de forma parcial em nosso mundo mundano: natureza pródiga, saúde, harmonia, imortalidade e unidade.

Mesmo não havendo consenso com respeito à sua *localização exata*, grande parte dos autores medievais o situou no Extremo Oriente através de indícios existentes no relato do Gênesis. Isidoro de Sevilha, em sua *Etymologiae*, obra que exerceu grande influência sobre Pierre D'Ailly, o localizou nesta parte leste. Kimble (2000) nos traz a definição de Paraíso feita pelo padre espanhol: para ele, Paraíso, traduzido do grego para o latim, significaria *hortus* – jardim. Em hebraico, paraíso seria identificado com Éden, *deliciae*. Unindo, portanto, os dois significados, temos: Jardim das Delícias, lugar, segundo Isidoro de Sevilha, onde existe toda a sorte de madeiras e árvores frutíferas, além da árvore da vida. Sua temperatura seria, sempre, primaveral.

Colombo, nos diários de viagem, remete o Paraíso diretamente à Sagrada Escritura. Num primeiro momento, hesita localizá-lo precisamente, mencionando que alguns o colocam próximo às fontes do Nilo na Etiópia. Depois, cita Isidoro, Santo Ambrósio, entre outros, que o localizam no Oriente. Depois, se remetendo à extravagante idéia desenvolvida por ele de que a Terra teria um formato de uma pêra, não tarda a colocar o Paraíso em seu pedículo, como atesta a seguinte passagem:

Creio que, seu eu passasse abaixo da linha equinocial, ao chegar lá, na parte mais alta, encontraria a temperatura muito maior e diferença nas estrelas e nas águas; não porque creia que ali onde altura seja máxima seja também navegável ou haja água, nem que se possa subir até lá, mas creio que ali é o Paraíso Terrestre, aonde ninguém consegue chegar, a não ser por vontade divina (1991, p.145).

Em outro momento, em fevereiro de 1493, se deparando com o mau tempo em Açores quando retornavam para a Espanha, escreveu que nas ilhas:

(...) sempre encontrou clima e mar de grande temperança. Concluindo, diz o Almirante, bem disseram os teólogos e os sábios filósofos ao afirmar que o

Paraíso Terrestre está nos confins do Oriente, porque é um lugar temperadíssimo. De modo que as terras, agora descobertas, são os confins do Oriente (p. 106).

Tributário de uma tradição que se remetia sempre ao peso de uma autoridade para dar testemunho e oficialidade ao que era visto, Colombo, em meio à gritante novidade da América, ficou, de certa maneira, refém da intertextualidade que projetara para as novas paragens, falecendo sem reconhecer o caráter novíssimo das terras onde esteve.

Américo Vespúcio, que teria reconhecido a novidade daquilo que Colombo havia encontrado, teve, tempos depois, seu nome dado para aquela região do mundo. O batismo, entretanto, da América, ficaria por conta de Martin Waldseemüller (1470?1518), autor do célebre mapa em que aparece pela primeira vez a novidade que Colombo, sob o ponto de vista europeu, descobriu, mas não reconheceu. Waldseemüller escreveu:

Ora, estas partes da Terra (Europa, África e Ásia) foram mais extensivamente exploradas em uma quarta parte foi descoberta por Américo Vespúcio. Na parte em que tanto a Europa como a Ásia receberam nomes de mulheres, não vejo nenhuma razão para alguém justamente se opor a chamar esta terceira parte Amerige (do grego “Ge”, que significa “terra de”), isto é, a terra de Américo, ou América, derivada de Américo, seu descobridor, homem de grande competência (apud BOORSTIN, p.237).

O famoso mapa de Waldseemüller, datado de 1507, ajudou a propagar a novidade da agora América. Isso em uma época de recente invenção da imprensa, que possibilitou a venda de mais de mil exemplares do mesmo, consolidando o nome sugerido pelo seu autor.

Benassar (1998) ressalta que, em tal mapa, temas explicitada a amplitude do olhar humano sobre o mundo, fato este simbolizado em seu topo: Ptolomeu lá aparece olhando para o leste enquanto Vespúcio observa o oeste.

4 - A América do padre José de Acosta (1540-1600): o debate entre experiência e intertextualidade

4.1 - Breve relato biográfico

A figura de José de Acosta não é tão conhecida no meio acadêmico da Geografia. Por vezes, é mencionado em referência a Varenius ou mesmo a Alexander von Humboldt, uma vez que precedeu este último em muitos séculos em termos de tentativa de uma explicação sistemática acerca dos fenômenos naturais da América.

Acosta significará, para nós, uma espécie de passo adiante com relação à intertextualidade presente nos escritos do Colombo. Nutrido de algumas informações consolidadas acerca do “novo continente”, o padre espanhol fará um diálogo com várias autoridades do saber ocidental esforçando-se em não procurar adequar o visto ao lido, prática comum em Colombo. Em outros termos, em José de Acosta aparecerão vários momentos de fissuras no esquema exegético medieval e renascentista presente ainda no almirante genovês.

Faremos, antes de adentrarmos nestes pontos de ruptura, uma brevíssima descrição biográfica, tendo como referência principal a *introdução* de José de Alcina Franch para uma recente edição espanhola da *História Natural e Moral das Índias*, do aludido padre espanhol.

Acosta concluiu seus estudos na Universidade de *Alcalá de Henares*. Perpassou pelo campo da Teologia e, em termos de estudos profanos, estudou Direito Civil, Ciências Naturais e História. Trabalhando na *Companhia de Jesus*, manifestou seu desejo de ir ao “novo mundo”. Chegou ao seu destino, Lima, em de abril de 1572. Seu retorno à Espanha deu-se em 1587, após passagem de um ano pela *Nova Espanha* (México).

Entre 1588 e 1592 teve, o padre espanhol, uma intensa atividade editorial. De 1588 data a obra *De Procuranda Indorum Salute*. De 1590 datam *De Christo revelato libri novem* e *De Temporibus Novissimis libri quatuor*, além da *História Natural e Moral das Índias*. Com exceção desta última, todas as outras foram, provavelmente, escritas ainda no Peru.

A redação da *História* começou a ser feita ainda na América, mas foi concluída em Gênova, por volta de 1588. Serna (2007) destaca que tal obra foi produto da imensa admiração que Acosta sentia pela natureza americana e pelas culturas indígenas. Não tardaram traduções para o italiano, francês, alemão, inglês e holandês do texto que se tornou no século XVI obra de referência sobre o Novo Mundo. Seu autor foi por muitos chamado de o “Plínio do Novo Mundo”. Quando faleceu, em 1600, era reitor da Universidade de Salamanca.

4.2 - Debates entre experiência e intertextualidade

A obra *História Natural e Moral das Índias* é dividida pelo seu autor em cinco livros: os três primeiros versam sobre aquilo que seu autor denominou de história natural; os dois últimos referem-se à história moral. Trataremos, nesta parte, de analisar os três primeiros livros, relativos, portanto, à natureza americana.

O Livro Primeiro é repleto de temas afins com a Geografia. Logo em seus primeiros capítulos, o padre espanhol estabelece uma interessantíssima discussão com autores da Alta Idade Média e da Antiguidade com relação à questão da forma da Terra e de sua posição no Universo. Começa citando autores como Theodorito e Lactâncio, que teriam duvidado da forma esférica do mundo, indo contra a opinião de Aristóteles. Menciona que Lactâncio, citado por nós no princípio deste texto, teria concordado com Epicuro, que afirmou existir, para além da Terra, somente caos e abismos infinitos.

Por fim, mesmo partidário das demonstrações aristotélicas finda por, em tom pacificador, elogiar o interesse de todos pelas coisas da Criação.

Na seqüência, ainda no *capítulo dois*, afirma que sua *experiência* na América, acrescida à do hemisfério norte, tem servido para demonstrar a existência de um céu *movente* e redondo. Aqui, o detalhe fica por conta do *céu movente*, que atesta o geocentrismo do autor, fato este que não deve ser considerado um retrocesso, mas apenas a manutenção do que se acreditava de fato na época.

No *capítulo seis* destaca que em ambos os pólos do mundo se acham muito mais mares e terras do que pressupunham os antigos, *a quienes faltaba experiencia*. Na seqüência, no capítulo posterior, retoma os argumentos de Santo Agostinho e Lactâncio contra a questão dos antípodas e, por fim, acaba sendo bem duro com este último. Após afirmar que há em nossa alma *há certa luz do céu para conhecermos o mundo*, afirma, em tom quase moderno, que Lactâncio teria usado mais a força da imaginação do que a da razão e completa o raciocínio dizendo que o uso da razão torna a imaginação uma *velha louca*.

Começam a aparecer, pouco a pouco, traços claros de inovação na visão de José de Acosta acerca das Índias. Para Serna (2007), Acosta apresentaria uma noção de história bastante inovadora em relação à tradição medieval e renascentista, ainda tributária do peso das *autoridades* do passado. Entendia que a sua época superava a dos antigos, fato este que lhe permitiria corrigir e rearranjar com certa liberdade certas informações. Em Acosta a Antiguidade perderia parte de sua mitificação, sendo considerada, em vários momentos, uma fase histórica com saberes revisáveis.

Esta relativização em relação ao saber da Antiguidade fica evidente quando José de Acosta se permite corrigir inclusive seu mestre maior, Aristóteles. Este teria negado a possibilidade de vida na *zona tórrida*, afirmando seu calor excessivo, falta de águas e pastos. Ao longo do Livro Segundo, Acosta inverterá esta imagem, ressaltando a temperança das áreas próximas ao equador e a incompatibilidade do termo tórrida com a área que ele designava. Alertando para a limitada experiência que Aristóteles teve do mundo – isso mesmo com os êxitos de Alexandre Magno -, resalta que o estagirita nem chegou a conhecer parte da Etiópia que seriam terras de Prestes João. Aqui, Acosta mantém-se tributário de uma fabulação medieval, que foi, em seu tempo, transferida da Ásia para a África.

No capítulo onze do Livro Primeiro, Acosta trata de um tema bastante comum na época: o da existência- ou não – de menções ao Novo Mundo em autores antigos. Após resumir a opinião de autores como Santo Agostinho, Lactâncio, Parmênides, Aristóteles, São Jerônimo, entre outros, faz, mais veementemente, uma menção a Sêneca acerca da existência de um mundo novo e desconhecido.

Reproduziremos, em espanhol, a passagem da *Medéia*, de Sêneca, em que Acosta diz encontrar alusão ao Novo Mundo: *tras luengos años verná/unsiglo nuevo y dichoso/que al Oceano anchuroso/sus límites pasará Descubrirán grande tierra/verán otro Nuevo Mundo/navegando el gran profundo/que agora el paso nos cierra*.

Aqui, no diálogo com as principais referências culturais da Antiguidade, Acosta não deixa de compartilhar da expectativa comum em sua época de que lampejos de uma verdade universal poderiam

existir em algumas poucas autoridades *iluminadas*. Contudo, ressaltamos que o tom geral de seu texto é o de diálogo permanente entre experiência e texto, com a preferência sendo, muitas vezes, evidenciada em relação à primeira.

Uma das questões mais instigantes levantadas pelo padre espanhol com relação ao “Novo Mundo” refere-se aos mecanismos que propiciaram a habitação do continente. Sabendo do amplo significado teológico da questão, e nunca, portanto, se afastando da origem adâmico-monoteísta do homem nem do tema do dilúvio universal, Acosta se propõe compreender como os homens teriam passado à América.

Primeiramente, nega a possibilidade de existência de uma Arca de Noé específica para as Índias. A seguir, conjectura que vieram por mar ou por terra podendo ter chegado, pelo mar, por força de uma tempestade ou, ainda, por determinação própria, navegando conscientemente. Após uma longa discussão sobre tecnologias aplicadas à navegação, o eminente padre espanhol nega a possibilidade de chegada dos índios via navegação proposital, uma vez que não eles têm indícios de qualquer estado mais avançado na arte de navegar. Por fim, após examinar várias possibilidades, conclui que tanto os homens quanto os animais do Novo Mundo provêm do Velho Mundo, intuindo a existência de alguma possibilidade de comunicação por terra ou da existência de algum estreito que permitisse um acesso mais cômodo à América.

Por mais que, no tema referente à ocupação humana, Acosta tenha mantido fidelidade a temas teológicos tradicionais, dois aspectos chamam bastante a atenção: o primeiro é a facilidade com que se pôs a conjecturar, a buscar explicações derivadas da experiência, negando explicações fantasiosas; o segundo é que, no referente à fauna, apresenta um claro lampejo evolucionista ao, mantendo-se firme em seus dogmas, apontar as semelhanças entre animais da América e da África. Há, mesmo que de forma sutil, o vínculo entre a fauna e os aspectos do meio para explicar sua diversidade e singularidade.

Retomando o diálogo com o passado, Acosta nega qualquer relação entre as novas terras e gentes com a Atlântida de Platão. Chega até, ao contrário de muitos autores do Renascimento italiano, a minimizar a importância do autor de *Timeu*, destacando não ter muita reverência a ele. Um exemplo de agudez de espírito Acosta demonstra quando, visando espantar mais fabulações sobre os índios, se depara com a opinião de alguns de que eles seriam da linhagem dos judeus. Para afastar tais levandades, afirma que os hebreus possuíam escrita. Os índios não. Realça o apreço dos judeus pelo dinheiro. Em contraposição, destaca a ausência de moedas entre os índios.

Iniciando o Livro Segundo, faz uma afirmação que atesta seu esforço de sobrepor a experiência à análise textual da América:

En esta línea Equinocial hallamos tantas y tan admirables propiedades, que con gran razón despiertan y avivan los entendimientos para inquirir sus causas, guiándonos no tanto por la doctrina de los antiguos filósofos, cuando por la verdadera razón, y cierta experiencia⁵ (ACOSTA, s.d., p. 121).

Retomando o tema da *zona tórrida*, afirma ser ela úmida, ao contrário do que afirmavam os antigos, sendo sua habitação cômoda e aprazível. Ressalta que a maior proximidade do Sol, também ao contrário do que pensavam os antigos, não gera *secura*, mas estimula, na região, um regime de chuvas intensas, que gera imensos pastos. Ao contrário do que pensava Aristóteles.

O Livro Dois, de sua *História Natural e Moral das Índias*, é extremamente significativo no que se refere à busca, de seu autor, por explicações retiradas das regularidades imanentes aos fenômenos naturais. Há nele, no nosso entender, um dos momentos mais interessantes da obra.

Procurando associar a quantidade de chuvas às estações do ano, Acosta relata que, no Peru, entre janeiro e março, há abundância de precipitações torrenciais, fato que contrasta com a *secura* do inverno. Acrescenta, a essa constatação simples, que fora dos trópicos, chuva e frio caminham juntos. Aqui, tece uma comparação entre o Chile e a Espanha. O primeiro, por estar fora do círculo do Trópico de Capricórnio e ter, segundo ele, altura semelhante à de seu país natal, passaria pelas mesmas *leis* de inverno e de verão. O interessante nesta passagem é que, por mais simples que possa parecer o esquema explicativo de Acosta, há uma busca por entendimento da natureza americana a partir dela mesma, sem que para isso, entretanto, comparações com regiões conhecidas sejam negligenciadas.

Na sequência dessa discussão, Acosta ressalta o fato de que os espanhóis, acostumados com uma estação de inverno chuvosa, continuavam, fora da zona tropical, chamando a estação chuvosa e quente de

⁵ Grifo nosso.

inverno e a seca e fria de verão. Acosta critica o aspecto absurdo bem como a simplicidade presente no raciocínio dos espanhóis. Acrescentaríamos, aqui, que faltava a eles a percepção da alteridade do hemisfério e do continente. A autonomia da América, do “novo mundo”, ainda era algo inusitado.

No padre espanhol, entretanto, reina um zeloso trabalho – apesar das claras limitações daquele contexto – de descrição e busca de sistematização daquilo que foi experimentado por ele ao longo dos 17 anos em que permaneceu na América.

Ainda no âmbito da busca das indagações climáticas, o padre espanhol ressalta que somente a proximidade com o Sol não poderia explicar a diversidade de temperaturas existentes. Conclui resignado que devem existir outras causas para o frio e para o calor e esboça algumas que não iremos reproduzir aqui.

Após uma série de análises construídas sempre por indução, o eminente padre volta ao âmbito de suas referências textuais. Menciona que em Plínio e Platão existem alguns indícios de defesa do caráter habitável da zona tórrida. Pouco depois, faz nova alusão ao reino de Prestes João, na África, e aos terríveis calores pelos quais passariam seus habitantes. A pele escura seria indício de um clima tórrido, de fato.

Quando sua atenção se volta para a natureza da América espanhola, entretanto, há quase um abandono de referências textuais. A intertextualidade se dissipa e a natureza fica submetida ao filtro de um raciocínio vigoroso e sistemático. Acosta se rende, então, à busca de causas e, por vezes, de conexões. Assim, no início do Livro Três, temos:

Quien pasare adelante y llegare a entender las causas naturales de los efectos, terná el ejercicio de buena filosofia. Quien subiere más en su pensamiento, y mirando al Sumo y Primer artífice de todas estas maravillas, gozare de su saber y grandeza, diremos que trata excelente teología (ACOSTA, s.d., p.147).

Nesta passagem, a teologia parece ser construída em consonância com a diversidade da matéria. Não o contrário. Seus dogmas não engessam as possibilidades de apreensão racional. Em verdade, é a própria experiência do mundo que possibilita, no entendimento de sua diversidade, o galgar de degraus mais altos até o Primeiro Artífice. Há aqui, de certa maneira, uma similitude com o que afirmaria Karl Ritter séculos depois.

Quando tenta explicar o regime de ventos do novo continente, Acosta tropeça, entretanto, na tradição de que foi fruto. Em meio a uma preocupação metódica de classificação dos diferentes tipos, acaba por recair na explicação aristotélica de movimento do primeiro móvel para atestar a primeira causa dos ventos. Depois, usa da experiência para enriquecer os *a priori* que possuía, pois estes eram evidentemente insuficientes. Menciona que a desigualdade entre serras e vales, rios e lagos, entre outros aspectos, deve ser levada em conta na busca de entendimento do regime de ventos do “Novo Mundo”.

E assim seu texto segue, num diálogo feito entre textos consagrados e dados empíricos. Contudo, ao contrário de Colombo, Acosta não foi um exegeta. Nele, os signos do desconhecido não se esvaíam diante da severa exaltação do conhecido. Há intertextualidades em sua leitura da América, mas há, também, muito espaço para novas interrogações e um acurado procedimento indutivo que o fez esboçar várias explicações salutares e novas.

5 - Considerações Finais

O conhecimento geográfico, ao longo da Idade Média foi, em grande parte, gerado mediante um procedimento literário de compilação e rearranjo de informações retiradas de obras pertencentes, em parte, a Antiguidade. Neste sentido, mesmo com o advento de certa mobilidade espacial e intercâmbio cultural durante a chamada Baixa Idade Média, ocorreu, dada a manutenção da transcrição das informações geográficas, bem pouco espaço para atualizações e, diríamos, para uma re-dignificação do dado empírico

Entretanto, como pudemos observar, a diversidade de conteúdos do mundo que foi sendo revelada pelos chamados Descobrimientos aparece em Acosta como novidade a ser absorvida, gradativamente, por um saber humano ainda em vias de progresso. As autoridades do passado, fontes de reverência do pensamento medieval, não tinham em si encerradas a estatura do mundo, pois faltava a elas algo que só a época de Acosta estava tendo o privilégio de ter: a experiência da totalidade do mundo. Nessa experiência, o diálogo com a desconhecida textura da América gerou a revisão da palavra escrita e deu margem para todo o tipo de inquietação na cultura ocidental. Não é por acaso que a fabulosa expedição de Alexander von Humboldt pelo continente, entre 1799 e 1804, seja hoje considerada um marco fundamental para a origem da Geografia

Científica, podendo ser concebida como o ápice da aplicação do espírito cético e racionalista que foi sendo gerado na época do padre espanhol e que levou ao rompimento com a tradição textual e à valorização de procedimentos indutivos. Neste sentido, o continente americano transformou-se, ao longo destes séculos, num rico cenário de conflitos entre o dito e o descoberto, e a história de sua interpretação muito nos diz a respeito da formação do discurso geográfico moderno.

6 - Referências

- ACOSTA, José de. *História Natural y Moral de las Indias*. Madri: Dastin, s.d.
- ACOSTA, Wladimir. *Viajeros y maravillas*. Caracas: Monte Avila Editores, 1993. (três tomos)
- BENASSAR, Bartolomé. Dos mundos fechados à abertura do mundo. In: NOVAES, Adauto (org.). *A Descoberta do homem e do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. (Col. Brasil 500 anos)
- BOORSTIN, Daniel J. *Os descobridores – de como o homem procurou conhecer-se a si mesmo e ao mundo*. Trad. Fernanda Pinto Rodrigues. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1989.
- CHAUÍ, Marilena. Profecias e tempo do fim. In: NOVAES, Adauto (org.). *A Descoberta do homem e do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. (Col. Brasil 500 anos)
- COLOMBO, Cristóvão. *Diários da descoberta da América: as quatro viagens e o testamento*. Trad. Milton Person. Porto Alegre: L&PM, 1991. (Col. A visão do Paraíso)
- COPÉRNICO, Nicolau. *As revoluções dos orbes celestes*. Trad. A. Dias Gomes e Gabriel Domingues. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1984.
- ELIADE, Mircea. *Imagens e símbolos: ensaio sobre o simbolismo mágico-religioso*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- FRANCO JUNIOR, Hilário. *As utopias medievais*. São Paulo: Brasiliense, 1992.
- FRANCH, José Alcina. *Introducción (Historia Natural e Moral de las Indias)*. Madrid: Dastin, s.d.
- GIUCCI, Guillermo. *Viajantes do maravilhoso: o Novo Mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- GLACKEN, Clarence. *Huellas en la playa de Rodas: naturaleza y cultura en el pensamiento occidental desde la Antigüedad hasta finales del siglo XVIII*. Barcelona: Ediciones del Serbal, 1996.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Visão do Paraíso: os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil*. São Paulo: Companhia Editora Nacional/Edusp, 1969
- KIMBLE, G. H. T. *A Geografia na Idade Média*. Trad. Márcia Siqueira de Carvvalho. Londrina: Ed. da UEL, 2000.
- LE GOFF. *O maravilhoso e o quotidiano no Ocidente Medieval*. Trad. Antonio José Pinto Ribeiro. Lisboa: Edições 70, 1990.
- LE GOFF. *Os intelectuais na Idade Média*. 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 1995.
- SANTO AGOSTINHO. *De Magistro*. Porto Alegre: Publicações do Instituto de Filosofia da Universidade do Rio Grande do Sul, 1956.
- SANTO AGOSTINHO. *Confissões*. Trad. J. Oliveira Santos e A. Ambrósio de Pina. São Paulo: Nova Cultural, 1999. (Col. Os Pensadores)
- SIMEK, Rudolph. Esfera ou disco?. In: *Scientific American História- A ciência a Idade Média*. Brasília, Duetto, pp.30-33, 2005.
- SALE, Kirkpatrick. *A conquista do paraíso: Cristóvão Colombo e seu legado*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.
- SANTOS, Douglas. *A reinvenção do espaço: diálogos em torno da construção de uma categoria*. São Paulo: Ed. Unesp, 2002.
- SERNA, Mercedes (comp.). *Crônicas de Indias*. Madrid: Catedra, 2005.